

‘HUA MULAN’: A SAGA DA GUERREIRA CHINESA QUE QUESTIONA ESTEREÓTIPOS E PAPÉIS DE GÊNERO E RETRATA O EMPODERAMENTO FEMININO NA CHINA ANTIGA (DINASTIA WEI DO NORTE)

**‘HUA MULAN’: THE SAGA OF THE CHINESE WARRIOR THAT
QUESTIONS STEREOTYPES AND GENDER ROLES AND
PORTRAYS FEMALE EMPOWERMENT IN ANCIENT CHINA
(NORTHERN WEI DYNASTY)**

Izabela Lopes Jamar¹

Margareth Pereira Arbués²

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de questionar os estereótipos e papéis de gênero e exaltar as lições de empoderamento feminino baseado no filme Mulan, versão *live-action* de 2020 da Disney e a versão Chinesa. Nesse estudo procuramos compor o problema através da análise de diversos fatores que influenciam diretamente as dicotomias masculino/feminino, a subversão dos papéis tradicionais de gênero e de empoderamento feminino. Trata-se de uma pesquisa que utiliza a abordagem qualitativa, com método documental/bibliográfico da obra de Simone de Beauvoir, Heleith Saffioti, entre outros e da análise crítico-cinematográfica a partir da etnografia de tela do filme. A estética cinematográfica permitiu-nos verificar a existência da assimetria entre os gêneros, a divisão rígida entre o público e o privado e a submissão das mulheres ao papéis pré-estabelecidos e a quebra desses paradigmas feitas pela personagem. Destaca-se o importante estatuto e valor das mulheres, na sociedade, desempenhando um papel na promoção do despertar da consciência feminina, na cultura oriental.

Palavras-chave: Gênero. Cinema. Mulan. Feminismo. Empoderamento.

¹ Especialista em Direito Penal e Processo Penal (ATAME/Brasília). Especialista em Sistema de Justiça Criminal (UFSC). Pós-graduanda em Jornalismo (FAVENI). Pós-graduanda em Direitos das Mulheres(i9). Professora Universitária. Advogada Criminalista Feminista. Conselheira Subseccional da OAB-DF. Coordenadora Jurídica da Associação Vida e Justiça(Vítimas do Covid-19). Apresentadora do Podcast Cinta Liga da Justiça. E-mail: izajamar@gmail.com

² Pós-doutora em Direitos Humanos e Vulnerabilidade (Universidade de Messina - IT); Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUCGO) e Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora Adjunta da UFG; Pesquisadora e professora do programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Direitos Humanos da UFG. Advogada e Conselheira Nacional da ABMCJ. E-mail: margaretharbues@hotmail.com

ABSTRACT: This article aims to question stereotypes and gender roles and highlight the lessons of female empowerment based on the film *Mulan*, Disney's 2020 live-action version and the Chinese version. In this study we seek to compose the problem through the analysis of several factors that directly influence the male/female dichotomies, the subversion of traditional gender roles and female empowerment. This is research that uses a qualitative approach, with a documentary/bibliographic method of the work of Simone de Beauvoir, Heleith Saffioti, , among others, and critical-cinematic analysis based on screen ethnography of the film *Mulan*. Cinematic aesthetics allowed us to verify the existence of asymmetry between genders, the rigid division between public and private and the submission of women to pre-established roles and the break of these paradigms made by the character. The important status and value of women in society stands out, playing a role in promoting the awakening of female consciousness in Eastern culture.

Keywords: Genre. Cinema. *Mulan*. Feminism. Empowerment.

Introdução

A criação social dos gêneros se tornou um fator de separação e reforço das diferenças e desigualdades, atribuindo à mulher os papéis de esposa, mãe, organizadora do lar, além do frágil e sentimental e, ao homem, o de provedor, trabalhador destinado ao espaço público, forte, racional. A dicotomia masculino/feminino legitima uma série de outras dicotomias como forte/fraco, ativo/passivo, racional/emotivo e reforça as diferenças do instrumental simbólico que é o gênero.

Nesse artigo procuramos compor o problema através da análise de diversos fatores que influenciam diretamente a quebra dos estereótipos e papéis atribuídos aos gêneros e os fatores de empoderamento feminino do filme *Mulan*, versão *live-action* Disney³ e Chinesa⁴, por acreditarmos que a obra nos servirá de emblema para que possamos refletir sobre as relações de gênero. A história é baseada no poema '*A Balada de Hua Mulan*' da China Antiga. Trata-se de uma pesquisa que utiliza a abordagem qualitativa, com método documental/bibliográfico e da análise crítico-cinematográfica a partir da etnografia de tela⁵ do filme.

³ <https://www.tokyvideo.com/video/mulan-2020-vini7xg>

⁴ Não só a versão da Disney existe em *live-action*, mas também essa versão chinesa e que, segundo as críticas é mais fiel à lenda de 花木兰 *Hua Mulan* | 战争动作电影 War Action film. HD. Q1Q2 Movie Channel Official 圈影圈外官方电影频道 <https://www.youtube.com/watch?v=DeSNdSxfVJ8>

⁵ Etnografia de tela consiste no método de análise por observação, que consiste na análise de estudos midiáticos com elementos transportados da pesquisa antropológica, juntamente com ferramentas advindas da crítica cinematográfica. Tal procedimento filmes envolve escolher as cenas, descrevê-las minuciosamente para discutir o que o filme suscita (Balestrin & Soares, 2012).

A análise descrita nesse trabalho demonstrou a criação e definição nos papéis de gênero, as relações de discriminação entre homens e mulheres e as lições de empoderamento feminino. Assim, esta pesquisa mostra-se relevante por sintetizar seus principais pensamentos sobre o assunto, respondendo-se às seguintes perguntas de pesquisa: quais os estereótipos e papéis de gênero que Hua Mulan quebra ao recusar o casamento e se alistar ao exército no lugar de seu pai? De que forma a saga da guerreira Hua Mulan retrata o empoderamento feminino?

A distribuição de papéis atribuídos às mulheres e aos homens se revela na estrutura familiar, assim como nos mecanismos de controle e tutela social, ainda mais quando este se torna um reflexo das aspirações da sociedade e determinação de comportamentos.

Partindo-se de determinados conceitos, definimos na primeira parte do trabalho o paradigma do gênero, como ela se constitui na sociedade construindo os estereótipos e papéis sociais atribuídos ao feminino e ao masculino. Deve ser considerado ainda que o gênero é ainda uma categoria imposta e tem origens exclusivamente sociais, resulta de construções sociais fruto de uma interpretação do papel atribuído aos sexos e das diferenças sexuais e que desde sempre as mulheres foram inferiorizadas.

Na segunda parte do trabalho, fazemos uma análise do filme a partir do poema comparando as cenas principais da versão chinesa e da Disney, analisando de que forma a protagonista foi submetida ao preconceito e discriminação de gênero e também como ela quebra os padrões e estereótipos.

O gênero pressupõe a existência do masculino e do feminino designando categorias sociais: uma integrada por homens e outra composta por mulheres. O gênero é ainda um processo de representação da realidade socialmente construída. Dentro dessa concepção dos papéis do masculino e feminino uma ordem social se instaurou e a lei que passou a presidir as relações humanas é o do pai na maioria das sociedades.

Na terceira e última parte do trabalho, abordaremos Mulan como uma lendária heroína da cultura oriental e suas lições de empoderamento feminino, eis que é uma personagem feminina totalmente atípica e nunca vista na história da Disney. Mulan será uma rebelde e revolucionária, principalmente, se levarmos em consideração a época, uma

mulher que desafia as regras e nos mostra que qualquer mulher pode fazer o que quiser, porque nenhum homem é maior ou melhor do que qualquer mulher.

1. O paradigma do gênero: a construção dos estereótipos e papéis sociais atribuídos ao feminino e ao masculino.

A sociedade se estrutura sobre três eixos principais: gênero⁶, raça/etnia e classe social. É certo que se entrelaçam não permitindo análises distintas, porém o momento histórico é que vai determinar qual dessas categorias estará em voga. O gênero pressupõe a existência do masculino e do feminino designando categorias sociais: uma integrada por homens e outra composta por mulheres.

Podemos dizer que o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas em diferenças percebidas entre os sexos e gênero é um maneira primordial de significar relações de poder. (Safioti: 1999, pág. 143)

O gênero é ainda uma categoria imposta e tem origens exclusivamente sociais, resulta de construções sociais fruto de uma interpretação do papel atribuído aos sexos e das diferenças sexuais. O gênero é ainda um processo de representação da realidade socialmente construída.

Dentro desse contexto das relações de gênero, não se pode admitir um poder absolutamente masculino. O contingente feminino também participa das relações de poder, impondo ora em maior, ora em menor escala suas força e vontade. Todavia, o gênero, assim como a classe e a raça/etnia, faz parte de um discurso com interesses inconciliáveis e antagônicos.

Sendo o gênero um processo de representação, homens e mulheres atuam dentro de determinado espaço, representando papéis próprios, dentro de vários discursos e ainda

⁶ A atuação do feminismo negro deslocou o debate que se dava entre marxistas e feministas sobre sexo e classe para outro plano e demonstrou que não se tratava de uma questão só de sexo e classe, uma vez que problematizam a questão: e raça? A partir desse questionamento começa-se a se pensar na articulação de gênero, raça, e classe e nas diferenças entre mulheres, não, mas apenas nas desigualdades entre homens e mulheres, mas também entre mulheres e entre os homens. A partir dessa crítica o gênero começa a ser pensado como um dos elementos constitutivos das relações sociais, que se articula com outras categorias importantes: classe, raça, etnia, idade, dentre outros, configurando situações de gênero específicas. (Lima da Conceição:2009, p 722)

reforçando as dicotomias histórico-culturais atribuídas aos sexos (forte/fraco, emocional/racional, privado/público).

Dentro dessa concepção dos papéis do masculino e feminino uma ordem social se instaurou e a lei que passou a presidir as relações humanas é o do pai na maioria das sociedades. Se temos o poder do homem, pois quem faz a lei não precisa obedecê-la, se as regras elaboradas pelo homem devem ser obedecidas pelas mulheres, não há, pois como negar a ordem patriarcal iniciando-se aí um processo de transgressão do feminino quando as mulheres começam a ocupar os espaços antes destinados aos homens e ainda lutam pelo exercício do poder querendo levar os seus valores e suas vivências.

Os estudos histórico-antropológico tem se encarregado de demonstrar que as mulheres, salvo raríssimas exceções, são consideradas “cidadãs de segunda classe no mundo dos homens” (Azevedo:1985, pág. 46). A maioria das experiências sociais demonstram que as mulheres são seres inferiores sob o ponto de vista biológico e que sua existência está interligada à existência masculina, reduzindo a condição feminina de seres para e dos homens, tornando a existência feminina relativa, dependente e privada de autonomia.

A desvalorização da mulher, enquanto identidade do feminino, esteve enraizada na sua diferença sexual, ou seja, biológica. À mulher era reservada a beleza e não o mundo das ciências. Da inferioridade sexual e intelectual da mulher, do seu papel natural na reprodução da espécie e no cuidado dos filhos decorre consequentemente uma definição de função e de papel - a mulher esposa, mãe e guardiã da casa. Beauvoir resume no seguinte:

Eis por que nelas a mulher não encontra motivo para uma afirmação alta de sua existência: ela suporta passivamente seu destino biológico. Os trabalhos domésticos a que está votada, porque só eles são conciliáveis com os encargos da maternidade, encerram-na na repetição e na imanência (Beauvoir: 1970, pág. 83).

Ao longo da história os papéis atribuídos às mulheres estão pré-estabelecidos e internalizados pela sociedade. A partir das diferenças entre os sexos, que são identificadas desde o nascimento, meninas e meninos aprendem o que é adequado às mulheres e aos homens, e, portanto, são ensinados/as a pensar, sentir e agir de maneiras diferentes.

A distribuição de papéis atribuídos às mulheres e aos homens também se revela na estrutura normativa do Direito, assim como nos mecanismos de controle e tutela social, ainda mais quando este se torna um reflexo das aspirações da sociedade e determinação de comportamentos.

A existência de um certo anonimato do mundo doméstico não significa que este tenha sido omissos, o que ocorre é que o privado é ouvido através da fala e linguagem de homens públicos. O feminino e o masculino se revestiam, respectivamente, em mulheres e homens. A epistemologia moderna é proveniente dos pensadores, de organizadores e porta-vozes de uma época na qual diziam o que são as outras esferas de sua sociedade: diziam o que eram as mulheres, e sobretudo o que deviam fazer, seu lugar e seus deveres.

A partir da década de 60, do Século XX, profundas mudanças marcaram o campo das relações sociais. Tais mudanças foram orientadas na redefinição dos papéis exercidos por homens e mulheres dentro da sociedade. O movimento feminista contribuiu, em grande escala, para essas modificações, visando, pois, reafirmar a condição de igualdade entre homens e mulheres.

A dinâmica do movimento feminista foi marcada por debates em torno da causa principal da opressão feminina. Seria o patriarcado? O capitalismo? Patriarcado capitalista? Capitalismo patriarcal? Ainda nos anos 70 o campo vivenciou sínteses que tentaram unir patriarcado com capitalismo, feminismo com o marxismo, ou seja, amplos debates sobre sexo e classe. Neste contexto, podemos identificar historicamente as seguintes tendências no movimento feminista: feminismo liberal, socialista e radical, as diversas abordagens estavam no mesmo plano epistemológico. Tinham-se respostas distintas, apesar das perguntas serem as mesmas e de se buscar a resposta na causalidade social. (Lima da Conceição:2009, pág. 721/722)

Assim, a concepção masculina da ciência é sustentada por uma rede interativa de associações e disjunções que refletem a moderna divisão social do trabalho emocional e intelectual. Divisão que afirma as mulheres como garantidoras e protetoras do pessoal, do emocional e do particular, enquanto a ciência, reino do impessoal, do racional, do neutro e do geral, fica reservado aos homens. Vemos a ciência trabalhar a divisão entre fato objetivo e sentimento subjetivo, sustentada pela associação de objetividade com poder e masculinidade, uma objetividade separada do mundo das mulheres e do amor.

É necessária a compreensão desta dicotomia, eis que as desigualdades se perpetuam, ainda que os últimos anos tenham sido marcados por uma busca incessante pela identidade autenticamente feminina. Essa busca alcançou vários âmbitos da nossa sociedade vindo a refletir e a provocar questionamentos e consequentemente mudanças em vários aspectos da vida cotidiana. Nesse passo, a distinção entre sexo e gênero alcança a construção social do gênero para a redefinição dos papéis e garantir a superação do modelo androcêntrico e do poder masculino.

Os pares de igualdade contrapostos atribuídas aos dois sexos são instrumentos simbólicos da distribuição de recursos entre homens e mulheres e das relações de poder existentes entre eles. Assim a definição de gênero é o resultado de representações, de simbolizações, conforme descreve Maria Luiza Heilborn: “o conceito de gênero foi produzido pelos Cientistas Sociais, com a ideia de discriminar, de separar aquilo que era o fato de alguém ser macho ou fêmea, e o trabalho de elaboração, de simbolização que a cultura realiza sobre essa diferença sexual. (1997, pág. 51):

A construção do gênero é o ponto de partida para a neutralização das desigualdades e construção de um direito neutro, porém não se pode perder de vista que o paradigma do sexo não vem superado e redunda na manutenção das desigualdades.

Dessa forma, a luta emancipatória da mulher revela uma discrepância entre os padrões que supostamente seriam igualitários entre os gêneros, e a prática de um sistema sexista e androcêntrico, eis que define a sociedade como parte de um sistema de poder e de dominação masculina. No entanto, não seria absurdo constatar que se for observado um aspecto singular da sociedade, será observado também um reflexo da referida discrepancia, ou seja, se existe uma desigualdade que pode ser observada na sociedade como um todo, também poderá ser observada essa desigualdade sob óticas diferentes.

Seria imperioso observar, a fim de ilustrar os aspectos dessa discrepancia, que a relação gênero e hierarquia resultou de um sistema dicotômico de conceitos, quais sejam ativo-passivo, reflexivo-emotivo, competente-sensitivo, poder-símpatia, objetivo-subjetivo, abstrato-contextualizado. E, ainda, que cada conceito se relaciona com um gênero, sendo os primeiros com o masculino e os segundos com o feminino, o que vai incidir a superioridade de uma categoria em detrimento da outra.

Falar do gênero é uma postura que define um uso minoritário da linguagem para o conjunto das significações contingentes que os dois sexos assumem no contexto de uma dada sociedade. Também uma fissura nas relações de subordinação das mulheres, destinada a provocar transformações no campo imaginário da masculinidade. Uma cartografia de dois devires conjugados. A compreensão da subordinação da mulher como fato cultural que provoca efeitos na subjetividade dos que a subordinam. A diferença do feminismo, a questão do gênero não é um fato político, mas uma questão vinculada à construção da subjetividade. A construção da subjetividade normalizada posta em crise, a partir da subjetividade feminina, para os dois sexos.

Fazendo eco aos enunciados feministas, poderíamos dizer que a problemática da mulher responde às pautas culturais arraigadas. Então, teríamos que falar das lutas da mulher, de uma práxis política que propõe uma mudança integral do lugar da mulher na sociedade. Sem desqualificar este tipo de enunciado, dizer que a questão da mulher passa também por outras coordenadas, que vão mais além de uma história de discriminações e resistências. Por um lado, tem que ver com a busca individual e coletiva da liberdade. Por outro lado, tem que ver com o imaginário magnetizador que encobre as práticas quotidianas do Direito este realismo mágico que esconde o exercício jurídico do poder.

As lutas pela emancipação feminina se deram por enfoques reformistas de valorização da diferença em contraposição ao da discriminação, porém este enfoque estaria reafirmando a condição de inferioridade dado às mulheres. Outra estratégia dessa luta seria a sobreposição dos conceitos e qualidades femininos sobre os masculinos na ciência e no direito. Este também conduziria fazer valer o ponto de vista feminino.

2. A BALADA DE HUA MULAN⁷: uma saga folclórica que perpassa pelo preconceito e discriminação e pela quebra de padrões e estereótipos de gênero

O cinema é um produto cultural capaz de gerar significados e tem, cada dia mais, despertado o interesse de acadêmicos de diversos ramos do conhecimento, desde a comunicação até os direitos humanos, muitos deles associando teorias da psicanálise, da

⁷ Vale mencionar também que o nome Hua Mulan pode ser compreendido como "flor de magnólia" ("Huā" significa "flor", e "Mùlán" significa "magnólia"), um importante símbolo da China desde o passado.

sociologia, da filosofia e de gênero a fim de discutir a profundidade de filmes, desde os clássicos aos contemporâneos.

O cinema sempre se dispôs a apresentar temas complexos da sociedade. Mais uma vez, ele se alia à Literatura para se inspirar e criar filmes que se tornaram inesquecíveis na história recente da humanidade. Tanto o cinema quanto a literatura são formas de expressão artísticas distintas, mas que sempre tiveram, ao longo dos anos, uma relação bastante interligada, influenciando-se, sendo base de inspiração mútua e promovendo formas diversas de contar uma história, ou provocar alguma reflexão, ou emoção nos indivíduos.

Foi esse encontro que consagrou o filme *Mulan*. O poema milenar chinês denominado "A Balada de Hua Mulan" deu luz à animação exibida em 1998 e ao live-action lançado em 2020. O filme da Disney de 2020 é uma versão atualizada da clássica e tão amada produção de 1998, o filme Chinês, também versão live-action

A história de *Mulan* se situa na época da Dinastia Wei do Norte (386 - 534); porém, muitos detalhes de sua história só foram adicionados na Dinastia Tang, por volta do ano 620. "A Balada de Hua Mulan" narra a saga de uma mulher guerreira de forma de poética. Por ser um texto muito antigo, existem diferentes versões espalhadas pelo mundo. A cópia mais velha que permanece preservada está presente na antologia de poemas e canções "*Music Bureau Collection*"⁸, que foram compiladas por Guo Maoqian entre os séculos 11 e 12. É imperioso citar trechos, pois podemos atestar que o filme segue o enredo do poema, conforme se verifica a seguir:

Suspiro após suspiro,
Mulan tece diante de sua porta.
Ninguém pode ouvir o som do tear,
apenas os suspiros da pobre menina.
Pergunte-a quem está em seu coração,
ou quem está em sua mente.
Ninguém está em seu coração,

⁸ O Music Bureau (chinês tradicional : 樂府; chinês simplificado : 乐府; Hanyu Pinyin : yuèfǔ , e às vezes conhecido como " Imperial Music Bureau ") serviu na capacidade de um órgão de várias burocracias do governo imperial da China: descontinuamente e em várias encarnações, o Music Bureau foi encarregado diretamente, pelo imperador (ou outro governante monárquico), ou indiretamente, através do governo real (ou imperial) para executar várias tarefas relacionadas à música, poesia, entretenimento ou culto religioso. Essas tarefas incluíam pesquisa e desenvolvimento musical e lírico, e também dirigir apresentações. https://en.wikipedia.org/wiki/Music_Bureau

e ninguém está em sua mente.
Ela viu os rascunhos militares ontem à noite,
Khan está convocando muitos soldados.
Uma dúzia de listas rascunhadas,
cada uma com o nome de seu pai.
O pai não tem um filho crescido,
Mulan não tem irmão mais velho.
Ela decide adquirir um cavalo e sela,
e alistar-se em lugar de seu pai.
No mercado leste, ela compra um cavalo,
no mercado oeste, uma sela.
No mercado norte, ela compra um freio,
e, no mercado sul, um longo chicote.
À alvorada, ela se despede de seu pai e de sua mãe,
ao anoitecer, ela acampa às margens do Rio Amarelo.

...

...

Ventos amargos carregam os sons do sino do vigia,
uma luz pálida brilha em sua armadura de ferro.
Generais morreram em uma centena de batalhas,
os soldados mais fortes retornaram após dez anos.
Eles retornaram para encontrar o imperador,
o Filho do Céu sentado no palácio imperial.
Ele recordou seus méritos em doze pergaminhos,
e concedeu centenas de milhares de recompensas.
O Khan pergunta a Mulan o que ela deseja,
um título de grande ministro não tem utilidade para Mulan.
Ela pede uma montaria rápida para levá-la a milhares de milhas,
e trazer a filha de volta para casa.

...

Quando pai e mãe ouvem sobre sua chegada,
eles se apoiam até o portão da cidade.
Quando a irmã mais velha ouve sobre sua chegada,
ela se adorna e a espera em sua porta.
Quando seu irmão mais novo houve sobre sua chegada,
ele afia a faca e prepara o porco e a ovelha.
Abram a porta de meu quarto ao leste, eu sento no sofá de meu quarto
ao oeste.
Removo meu uniforme de guerra, e visto minhas roupas dos velhos
tempos.”
De frente para a janela, ela prende seus cabelos macios como nuvem,
no espelho, ela põe flores amarelas.
No portão, ela encontra seus camaradas,
eles ficaram todos surpresos.
Lutando juntos por doze anos,
eles jamais suspeitaram que Mulan fosse mulher.
Lebres macho gostam de chutar e pisar,
lebres fêmeas têm olhos enevoados e acetinados.
Mas se as lebres correm lado a lado,

quem pode dizer qual é ele ou ela?"(Fonte: Recreio. <https://recreio.com.br>. Acesso em 5 nov. 2024)

A narrativa filmica de Mulan, conforme se vê, segue de forma fiel o poema. Assim como no filme, o poema fala sobre uma menina chamada Hua Mulan que passa a se vestir como homem para conseguir entrar no exército chinês para ocupar o lugar de seu pai, que já estava idoso e deficiente e não conseguiria ir para a guerra. O cinema adaptou o poema para o complexo cultural oriental que está claramente refletido em Mulan. As cenas, figurinos, etiqueta e outros detalhes do filme refletem o charme único da China antiga, apresentando ao público um mundo artístico repleto de estética oriental. (Fangfang Ding: 2024)

Figura 1: Ilustrações de Hua Mulan



Assim, podemos observar uma diferença nas figuras entre a perspectiva da Disney em suas versões de animação e live-action com a versão chinesa, da forma como reproduzem a figura feminina de Mulan, a partir daqui vamos analisar como o

⁹ A versão live-action da Disney é protagonizada pela atriz Liu Yifei. A versão live-action Chinesa é protagonizada pela atriz Liu Chu Xuan

preconceito de gênero é retratado a partir do enredo ocidental e oriental e também, as diferenças presentes em partes das histórias, conforme será detalhado a seguir.

Na versão chinesa, logo na primeira cena, Mulan captura seis ladrões de rua, eis que era muito habilidosa em artes marciais, e vai entregá-los à polícia a fim de exigir sua vaga que o policial-chefe a havia prometido caso ela capturasse dez ladrões. Ele se faz de desentendido e ela reafirma o que ele disse exigindo sua vaga quando ele a rebate dizendo que o que a impede de ser policial não é sua condição física e sim o fato de ela ser mulher, pois em nenhum lugar ou dinastia existia policial mulher e que esse era um trabalho apenas de homens, que ela deveria se preocupar apenas em bordar e tecer.

Na versão Disney 2020, o filme começa mostrando as habilidades de Mulan em artes marciais e exaltando sua energia CHI, que era uma energia masculina, pois ela era criticada pelo povo da aldeia por não se comportar como uma menina. Essas mesmas atitudes chamam a atenção, principalmente, de sua mãe que não concordava nem um pouco com seu jeito de agir. Em uma cena um tanto intrigante, a mãe de Mulan, muito incomodada com o comportamento da filha, lembra ao seu marido (pai de Mulan) que ela não é um menino, já que foi um grande desejo do pai que ela, de fato, fosse um menino.

Outra cena que reafirma os papéis de gênero, mas que só é trazida na versão Disney 2020 é a cena do encontro com a madame casamenteira. Na cerimônia do chá promovido pelas casamenteiras, um evento que irá conduzir o enredo da história, Mulan é informada sobre as qualidades de uma boa esposa: quieta, composta, graciosa, elegante, serena e educada. O chá acaba em desastre com Mulan destruindo todas as louças da casamenteira, sendo expulsa da casa e ainda, reprovada para o casamento.

Para se casar a moça deve seguir uma série de padrões de como agradar ao homem, e essas orientações são lhes dados desde a infância através dos livros, contos e orientações de outras mulheres, a partir disso podemos observar que a mulher se molda para agradar o outro e que as regras do outro impactam a subjetividade feminina, ao ponto de que, até numa relação de afeto, a liberdade e espontaneidade feminina põe-se em último lugar. As orientações mais comuns de acordo com Simone de Beauvoir são:

Se desejam esboçar uma amizade, um namoro, devem evitar cuidadosamente parecer tomar a iniciativa; os homens não gostam de mulher-homem, nem de mulher culta, nem de mulher que sabe o que quer: ousadia demais, cultura,

inteligência, caráter, assustam-nos. [...] Ser feminina é mostrar-se impotente, fútil, passiva, dócil. (Beauvoir, 1970, p.73)

Embora tenham inícios diferentes, ambos os filmes já começam retratando o preconceito de gênero que Mulan sofria por não performar os padrões de feminilidade e ainda por ter atitudes “rebeldes” e “masculinizadas, ao ponto de ser lembrada pelo policial que coisa de mulher é bordar e tecer e por sua mãe, de que ela é uma mulher e deve se comportar como tal. A live-action da Disney é mais enfática ao mostrar Mulan já crescendo executando papéis esperados para os meninos/homens na aprendizagem de técnicas de luta, diferente da chinesa, na qual Mulan já vem adulta e qualificada em artes marciais.

Todavia, o gênero, assim como a classe e a raça/etnia, faz parte de um discurso com interesses inconciliáveis e antagônicos. Sendo o gênero um processo de representação, homens e mulheres atuam dentro de determinado espaço, representando papéis próprios, dentro de vários discursos e ainda reforçando as dicotomias histórico-culturais atribuídas aos sexos (forte/fraco, emocional/racional, privado/público) e isso fica evidente nessas cenas.

Quando decide assumir o lugar de seu pai e se alistar no exército, Mulan o faz para preservar seu pai e isso fica claro nas duas versões, mas existem algumas diferenças entre a da Disney e a Chinesa. Na versão Disney ela quer também reafirmar os valores da família: honra, lealdade, cuidado e respeito, aqui ela se alista com o nome de seu pai, Hua Jun. Enquanto na versão chinesa ela fala, quando é descoberta pelo general, que fez isso por ela também, pois o que ela sabia de melhor era artes marciais e não se identificava com as tarefas femininas de tecer e bordar, aqui ela se alista como Hua Mulan.

Mas a cena que destila preconceito e discriminação de gênero, tanto no filme chinês quanto no da Disney, é a do momento em que Mulan é descoberta pelos generais. Na primeira versão ela é descoberta após salvar a vida do general que levou uma flechada de um soldado inimigo. Ao tirar a flecha e agir para estancar o sangue, ele descobre que ela é mulher e a expulsa do pelotão e ainda manda prendê-la. Já na versão Disney, ela se revela após salvar o pelotão que estava em uma batalha, já com sinais de derrota, e ela, mais uma vez, com sua astúcia e sagacidade, consegue provocar uma avalanche e

aniquilar o exército inimigo. Após surgir, revelando sua identidade feminina, é expulsa do exército e condenada ao exílio.

Em ambos os filmes percebemos uma mulher que se destacou e teve atos heroicos que passou a ser uma criminosa quando foi descoberta, pois a lei é a do imperador e para essa lei, mulheres não poderiam se alistar no exército. Mas Mulan não desempenhou tão bem sua função como soldado? O crime seria ser mulher? Ou melhor, uma mulher heroína? Ou enganar o imperador? (Oliveira; Tavares, 2017, p. 7).

Dentro dessa concepção dos papéis do masculino e feminino uma ordem social se instaurou e a lei que passou a presidir as relações humanas é a do pater na maioria das sociedades. Se temos o poder do homem, pois quem faz a lei não precisa obedecê-la, se as regras elaboradas pelo homem devem ser obedecidas pelas mulheres, não há, pois como negar a ordem patriarcal iniciando-se aí um processo de transgressão do feminino quando as mulheres começam a ocupar os espaços antes destinados aos homens e ainda lutam pelo exercício do poder querendo levar os seus valores e suas vivências.

3. ‘HUA MULAN’: uma lendária heroína da cultura oriental retratada nas telas do cinema e suas lições de empoderamento feminino

Alguns historiadores acreditam ser improvável a existência de uma guerreira feminina num tempo onde era esperado que mulheres fossem submissas e realizassem apenas tarefas domésticas. Já outros acreditam que, em caso de emergência extrema, a China recrutaria sim, mulheres para a guerra. Mas essas especulações pouco importam para o nosso propósito, pois Mulan já foi aclamada como uma guerreira que quebrou estereótipos e é sim, reconhecida como um ícone de empoderamento feminino.

Tanto a versão Chinesa quanto a versão da Disney trazem cenas que ressaltam o empoderamento da mulher através de Mulan, nos campos de treinamento e nos campos de batalha, e ainda quando ela é reconhecida e recebe honrarias pelo Imperador por ter salvo sua vida. Mulan se destaca entre os soldados no campo de treinamento e ganha a atenção do general. Ela treinou pesado com homens de igual pra igual. Treinou artes marciais, com a espada, com armaduras, carregando baldes de água, embaixo de sol, tirou guarda embaixo de chuva, tudo isso se travestindo de homem, escondendo sua

feminilidade, apertando os seios e muitas vezes ficando até dias em tomar banho, pois não podia se revelar como mulher.

Na versão Chinesa uma das cenas emblemáticas é o salvamento da princesa. Mulan sai com o batalhão para o resgate da princesa que tinha sido sequestrada pelo exército inimigo. Usando a sagacidade feminina, desce de cima do morro e parte pra cima dos soldados que estavam escoltando a carroça, os mata e liberta a princesa. Evidente que foi punida por ter desobedecido a ordem do general, mas ganhou a simpatia da princesa que a defendeu e a livrou de um castigo maior.

Já na versão da Disney uma das cenas que exalam empoderamento acontece no campo de treinamento quando Mulan trava uma luta com o soldado Honghui¹⁰ onde ela mostra toda sua habilidade em artes marciais. Após ser inconsistentemente provocada e desafiada por ele durante o treino com uma lança, ela, simplesmente, não só aceita, como paralisa todo o treinamento, pois todos os colegas se viraram para assistir, o show de golpes e contragolpes que ela deu em seu parceiro de treino, finalizando com o lançamento do objeto feito com os pés.

Ao mesmo tempo em que ela se orgulha de estar lutando para proteger o império, ela vive uma dualidade de sentimentos, pois os valores de um cidadão do império são lealdade, coragem e verdade e ela não estava sendo verdadeira ao fingir ser uma coisa que ela não era, um homem. Mulan não é transgênero, mas sim uma mulher cisgênero, que por uma necessidade, vê-se obrigada a tomar o lugar no exército e acaba por descobrir outras formas possíveis de vivenciar a feminilidade, do que as possibilidades impostas pela/na sociedade em que vive. Mulan não se vê nas representações que têm ao seu redor. (Oliveira; Tavares: Op, cit., p. 8). O ponto alto do filme em termos de empoderamento feminino e sororidade, tanto na trama chinesa quanto na da Disney é o momento em que Mulan é descoberta pelas mulheres. Na versão chinesa ela é descoberta pela princesa e na versão Disney ela é descoberta pela bruxa Xianniang¹¹. Para cada uma das cenas analisadas, faremos uma tabela a seguir.

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=j2yQIN96xP4>

¹¹ A bruxa é interpretada pela atriz Gong Li.

Tabela 1. Hua Mulan war-action versão chinesa

Duração da cena	Descrição da cena	Análise da cena
32:30' -33:05'	<p>A princesa se aproxima de Mulan por esta ter lhe resgatado, evidente que ela passou a lhe considerar um “herói” e isso esta desperta a inveja de outros soldados. Então, a princesa começa a cortejá-la e tocá-la achando que ela era um homem quando Mulan a repele e ela fala: - Mulan você é tão linda como uma mulher. Nesse momento a princesa descobre a identidade de Mulan e sai.</p> <p>Mulan se encontra com a princesa e elas travam o seguinte diálogo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - você sabe que está enganando o imperador, mas eu não vou contar porque você já salvou minha vida, mas por quê? - Eu fiz isso pelo meu pai que não tem como lutar, mas estarei aqui até o último minuto, na campo de batalha, embora seja mulher. - Você deve viver bem. <p>Então, a princesa pega seu manto e coloca sob Mulan.</p>	<p>A princesa se tornou admiradora de Mulan desde o momento em que ela lhe resgatou de seus alzozes. Ela reconheceu ali um símbolo de força, coragem, lealdade ao seu reino. Ao descobrir que Mulan era uma mulher, ela se assusta, pois para o padrão social da época nunca se imaginou que uma mulher poderia fazer o que ela fez e ter as atitudes que Mulan teve, mas ao mesmo tempo ela sente uma admiração, quando Mulan diz que estava ali pelo seu pai e que não desistiria. Ter colocado o manto sob Mulan souu como uma espécie de benção maternal, um pacto entre mulheres, uma aliança do feminino.</p>

Figura 2. Cena da Princesa com Hua Mulan



Fonte : Hua Mulan | 战争动作电影 War Action film

Tabela 2. Mulan live-action versão Disney

Duração da cena	Descrição da cena	Análise da cena
1:14,36' – 1:15,37'	<p>Mulan já exilada após ser expulsa do exército e a bruxa Xianniang se encontram nas montanhas e travam o seguinte diálogo:</p> <p>-Eu te entendo, eu era jovem igual a você quando o povo se virou contra mim, acha que não tentei seguir um caminho nobre? Eu vivi uma vida de exílio, sem um lar, um vilarejo, um país, você é igual a mim mesma</p> <p>-Eu não sou!</p> <p>-É sim! Quanto mais poder alcançava, mais eu era execrada igual a você. Você salvou o regimento e ainda assim se viraram contra você, está no início da sua jornada até o poder, marche seu caminho comigo seguiremos mais fortes juntas.</p>	<p>Após o embate entre Mulan e a bruxa, aquela renasce como uma Fênix e se revela como uma mulher no campo de batalha, ela surge como uma heroína poderosa.</p> <p>Esse diálogo interessante é focado no protagonismo feminino de Mulan e da bruxa Xianniang uma mulher marginalizada pela sociedade por possuir poderes mágicos. Aqui, ela é mostrada como a mais poderosa entre todos os soldados e nessa cena, resgata a verdade de Mulan, um a guerreira, valente, e mulher corajosa, em nome da sororidade.</p>

Figura 3. Cena de Mulan com a bruxa Xianniang



Fonte: <https://www.tokyvideo.com/video/mulan-2020-vini7xg>

O gênero feminino vigente na China Antiga e vivenciado por Mulan era bem distante das possibilidades que lhe eram apresentadas ao poder vivenciar sendo um soldado, sendo um homem. Mulan foi à guerra como um soldado para poder se encontrar enquanto mulher, para encontrar uma imagem a qual se reconhecesse, a de ser protagonista, de ser heroína. E nessas passagens citadas, ela encontrou mulheres que performavam o feminino de formas diferentes: a princesa dentro do ideal esperado para mulheres, a bruxa, uma mulher estigmatizada como todas as bruxas são, mas ambas se solidarizaram com Mulan e a reconheceram como símbolo de coragem, lealdade e força.

Considerações finais

O caminho percorrido até aqui procurou demonstrar como relações de gênero estão presentes nas sociedades e de que forma os estereótipos e papéis de gênero impactam na vida das mulheres.

Nesse estudo procuramos compor o problema através da etnografia de imagem do filme Mulan live-action , versão Disney e versão Chinesa baseado na obra ‘A balada de Mulan’. Eles acabaram por dividir o mesmo interesse de observar e pensar a sociedade chinesa antiga. A análise descrita nesse trabalho demonstrou a criação e definição nos papéis de gênero, as relações de poder e dominação entre homens e mulheres e a re legitimação das ideologias do patriarcado.

Partindo-se do paradigma do gênero e da análise das profundas mudanças que marcaram o campo das relações sociais, principalmente em relação ao direito, mudanças orientadas na redefinição dos papéis exercidos por homens e mulheres dentro da sociedade encontramos a distinção a criação do gênero como social, uma vez que o conceito sexo está ligado à função biológica, concluímos que o direito é masculino, que as regras que impõe as relações sociais são masculinas. A dicotomia masculino/feminino, legitima uma série de outras dicotomias como forte/fraco, ativo/passivo, racional/emotivo e reforça as diferenças do instrumental simbólico que é o gênero.

Ao longo dos filmes, nota-se que a distribuição de papéis atribuídos às mulheres e aos homens se revela na estrutura social, assim como nos mecanismos de controle, ainda mais quando este se torna um reflexo das aspirações da sociedade e determinação de comportamentos, inclusive nas relações conjugais e familiares.

A criação social dos gêneros se tornou um fator de separação e reforço das diferenças e desigualdades, atribuindo à mulher os papéis de esposa, mãe, organizadora do lar, além do frágil e sentimental e, ao homem, o de provedor, trabalhador destinado ao espaço público, forte, racional .

Na obra cinematográfica, a trama foca na história de Hua Mulan uma jovem que sempre rejeitou a ideia de se casar e as prendas domésticas . Esta última característica colide diretamente com a cultura asiática, que prega como maior objetivo de uma moça chinesa de respeito encontrar um marido para trazer honra à família. Geralmente, são

marcadamente patriarcas as diferenças existentes entre homens e mulheres e sempre são convertidas em desigualdades em detrimento do gênero feminino. Podemos dizer que as sociedades nunca foram igualitárias do ponto de vista do gênero

Ao longo de todo o trabalho tentamos demonstrar como os estereótipos e papéis de gênero mantém a organização nas sociedades. O que pode ser atribuído à narrativa de “Mulan” como inovadora e envolvente é que o filme apresenta uma protagonista feminina forte e destemida, desafiando os estereótipos de gênero e lutando por sua família e seu país. A mensagem de empoderamento feminino e igualdade de gênero ressoou e essa mensagem foi muito bem acolhida.

Diante de todas essas considerações, vemos que a figura feminina, tanto nas antigas civilizações como hoje, sempre foi subestimada. É possível notar em muitos discursos que ser mulher está ligado a uma posição, posição essa que delimita o feminino apenas em espaços domésticos, mais especificamente na China antiga.

O objetivo deste trabalho é a partir de discussões feministas. A epistemologia feminista propôs a reconstrução de um modelo alternativo de ciência com a definição do termo gênero para traduzir a luta pela emancipação das mulheres. É a construção social de gênero, e não a diferença biológica entre os sexos, o ponto de partida para a análise crítica da divisão social do trabalho, da produção, reprodução e a separação entre o público e privado.

Os atos de discriminação e preconceito vividos por Mulan ainda se caracterizam como expressão do patriarcado, eis que conforme visto anteriormente, essa ideologia reforça e reproduz as diferenças e as desigualdades entre os gêneros, é fruto de uma organização social preconceituosa e antidemocrática que reconhece a mulher como sujeito de segunda categoria.

A história de Hua Mulan suscita diversas reflexões sobre a empoderamento e quebra de padrões e estereótipos de gênero. As reflexões aqui apresentadas são algumas dentre tantas outras possíveis. A pretensão é dar continuidade aos estudos sobre como o as discussões sobre gênero vem alcançando a arte e a cultura e compreendendo que ainda há muito a elucidar e avançar.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Maria Amélia de. *Mulheres espancadas: a violência denunciada*. São Paulo: Cortez, 1985.
- BALESTRIN, Patrícia; SOARES, Rosângela. “Etnografia de tela”: uma aposto metodológica. IN: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.
- BEAUVIOR, Simone de. *O Segundo Sexo – Livro 1: Fatos e Mitos*. 4ª Edição. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BOGO, Ana Carolina Oliveira; PUERTAS, Kelly Cristina Pereira. *A constituição da subjetividade feminina numa perspectiva psicanalítica reflexões sobre a personagem Mulan*. Número 02/2021. Disponível em <https://cadernosdepsicologias.crppr.org.br/>. Acesso em 5 nov 2004
- DE OLIVEIRA, Brenda Mensch; TAVARES, Olivia Pereira. *Empoderamento de uma princesa: uma aborgadem de gênero do filme Mulan*. Disponível em <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2017/>. Acesso em 8 nov 2024
- DING, Fangfang. *Histórias sob a perspectiva do complexo cultural oriental: tomando Mulan como exemplo*. Trans/Form/Ação, Marília, SP, v. 47, n. 2, p. e02400181, 2024.
- GARCIA, Rafael Marques; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Resenha do filme Mulan (2013): problemáticas de gênero. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 30, n. 54, p. 342-356, jul.2018. ISSN2175-8042. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view>. Acesso em: 4 nov 2004
- HEILBORN, Maria Luiza. Corpo sexualidade e gênero. In *Feminino e Masculino : igualdade e diferença na justiça*. DORA. Denise Dourado, (Org). Porto Alegre : Sulina.1997
- KAPLAN, Elizabeth Ann. *A mulher e o cinema: Os dois lados da câmera*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- LIMA DA CONCEIÇÃO, Antônio Carlos. *Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero*. RBSE 8(24): 738-757, Dez2009. Disponível em <https://www.cchla.ufpb.br/> Acesso em 3 nov 2024
- MOREIRA, Patricia Veronica; PORTELA, Jean Cristtus. A figura feminina nos filmes disney: prática de representação identitária. *PERcursos Linguísticos*, [S. l.], v. 8, n. 18, p.262–271,2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/19215>. Acesso em: 9 dez. 2024.
- MULLER, Mariana Martins de Sá. *As novas princesas Disney: análise das relações de gênero em Frozen e Valente*. Juiz de Fora, 2015
- NUNES Maryanna Martins R.;ARBUÉS, Margareth Pereira. as princesas da disney, Branca de Neve e Mérida e o mito da beleza: os papéis sociais atribuído às mulheres pelo direito nas produções cinematográficas dos contos de fadas da Disney. *ABMCJ na luta pelos direitos das mulheres e meninas: avanços e desafios* / (org) Ana Paula Araújo de Holanda, Andrine Oliveira Nunes, Manoela Gonçalves, Margareth Pereira Arbués – Brasília: OAB Editora, 2022.
- SAFFIOTTI, Heleieth I.B. Violência de gênero no Brasil contemporâneo. In . *Mulher brasileira é assim*. SAFFIOTTI, Heleieth I.B; MUNHOZ-VARGAS, Mônica (Org). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- SAFFIOTTI, Heleieth I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 16, p. 115–136, 2016. Disponível
- SAFFIOTTI, Heleieth I.B. O estatuto teórico da violência de gênero. In *Violências em tempo de globalização*. SANTOS, José Vicente Tavares dos Santos. (Org). São Paulo: Hucitec, 1999.